

O ensino remoto no contexto da pandemia de Covid-19: práticas de letramento em uma comunidade pomerana

Remote teaching in the context of the Covid-19 pandemic: literacy practices in a pomeranian community

Myrna Susan Gowert Madia Berwaldt
Universidade Federal de Pelotas (UFEPel)
Pelotas-Brasil

Gabriela Medeiros Nogueira
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Rio Grande-Brasil

Patrícia Weiduschadt
Universidade Federal de Pelotas (UFEPel)
Pelotas-Brasil

Resumo

O artigo trata das práticas de letramento realizadas na turma de 3º ano de uma escola localizada em uma comunidade pomerana do campo, no município de Canguçu (RS). A pesquisa é de caráter qualitativo e foi desenvolvida no contexto da pandemia da COVID-19 (2021) conduzida através de entrevistas semiestruturadas assim como pela análise de documentos, tais como fotografias, vídeos e planejamentos. A organização dos dados foi realizada por meio de eixos de análise, feita a partir da Análise Textual Discursiva. As principais dimensões exploradas no texto são: i) Letramento e Religião; ii) Letramento e Ciências; iii) Letramento e Geografia. Os resultados do trabalho apontam que as práticas de letramento mediadas pela professora estavam vinculadas à cultura pomerana e à realidade das crianças.

Palavras-chave: Práticas de Letramento; Ensino Remoto; Povo Pomerano.

Abstract

The article deals with the literacy practices carried out in the 3rd year class of a school located in a rural Pomeranian community, in the municipality of Canguçu (RS). The research is of a qualitative nature and was developed in the context of the COVID-19 (2021) pandemic, conducted through semi-structured interviews as well as through the analysis of documents, such as photographs, videos, and plans. Data organization was carried out through analysis axes, based on Discursive Textual Analysis. The main dimensions explored in the text are: i) Literacy and Religion; ii) Literacy and Science; iii) Literacy and Geography. The results of the work indicate that the literacy practices mediated by the teacher were linked to the Pomeranian culture and the reality of the children.

Keywords: Literacy Practices; Remote Learning; Pomeranian people.

Introdução

Este artigo versa sobre a educação no contexto de comunidades formadas, predominantemente, por descendentes de pomeranos. Trata-se do recorte de uma pesquisa realizada entre os anos de 2020 e 2021, em um programa de pós-graduação em educação na região sul do país. A emigração dos pomeranos para o Brasil, ocorreu de forma mais significativa em meados do século XIX. Tal grupo veio, majoritariamente, para a região da Serra dos Tapes¹, localização da cidade do município de Canguçu. E, em respeito à educação destes imigrantes e seus descendentes, é preciso salientar os inúmeros impasses, principalmente a partir de 1938 com a implementação de leis voltadas à nacionalização do ensino, afetando em especial as escolas paroquiais (WEIDUSCHADT, 2007), sem contar nos impactos da Segunda Guerra Mundial.

As medidas de repressão da nacionalização do ensino de acordo com Kreutz (2010) se intensificaram, sobretudo em locais onde houve resistência, nesses casos a hostilidade extremou, com as invasões de policiais às moradias, prisão de professores, abordagem das crianças no caminho da escola para fiscalização dos materiais, invasão de cemitérios com intuito de retirar as lápides com escritas na Língua Pomerana e Alemã, depredação de documentos, obras, entre outros. Houve a proibição de falar a língua do país/território de origem, ante a efetivação das políticas de unificação da Língua Portuguesa no decorrer do período de 1937-1945, quando o Estado Novo, sob o comando de Getúlio Vargas implementou políticas de língua única fato este que contribuiu significativamente para o silenciamento da Língua Pomerana.

Diante dessas ações regulatórias, os pomeranos e demais imigrantes, sofreram drásticas consequências por meio do silenciamento forçado. De acordo com Tressmann (2005), essas ações nacionalistas foram elaboradas com consciência sobre os efeitos devastadores que “a quebra da unidade linguística” (TRESSMANN, 2005, p. 100) acarretaria aos povos imigrantes e seus descendentes. A proibição de falar a língua acelerou o processo de aculturação dos imigrantes teuto brasileiros, pois “[...] a substituição do Português como língua de uso cotidiano, especialmente no seio da família, é indício de que a transformação atingiu a um grau de irreversibilidade em todas ou quase todas as esferas da cultura” (TRESSMANN, 2005, p. 100).

Durante esse período, até os dias atuais, escassas políticas linguísticas foram estabelecidas, o número de crianças que fala apenas a Língua Pomerana no município o qual foi realizada a pesquisa Canguçu (RS), apresenta na atualidade significativa diminuição, contudo em determinadas regiões é possível observar que crianças ainda ingressam na escola tendo a Língua pomerana como primeira língua.

Desse modo, optou-se por investigar sobre as práticas de letramento realizadas em uma turma de terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2021 durante a pandemia Covid-19, em uma escola do campo em Canguçu (RS). Cabe colocar que aspectos sobre letramento passaram a assumir um relevante papel no campo da Educação no Brasil, principalmente ao suscitar questionamentos sobre o ensino tradicional da língua escrita e da leitura, característica do modelo autônomo de letramento. Este modelo é veementemente contestado pelos estudiosos dos Novos Estudos sobre Letramento, pois neste, o letramento se resumiria em identificar meios de ensinar os sujeitos a reproduzir e decodificar escritas, diminuir as dificuldades com a ortografia (STREET, 2014).

Em consonância com Kleiman (2008), pondera-se que há diversas fragilidades em associar o desenvolvimento cognitivo somente à escrita, principalmente quando ocorre a comparação e segregação entre os grupos “[...] não-letrados ou não-escolarizados, comparados com grupos letrados ou escolarizados, estes últimos podem vir a ser a norma [...]” (KLEIMAN, 2008, p. 27). Segundo a autora este fato ocorre, pois muitos pesquisadores pertencem a culturas ocidentais que são letradas e, é neste cenário que, não raras vezes, acontece a invisibilidade dos grupos minoritários. Esta perspectiva é preocupante, pois pode gerar justificativas para naturalização da classificação e preconceito com determinados indivíduos e grupos sociais.

De acordo com Street (2014), as práticas de letramento indicam uma “[...] concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e a escrita e de realizá-las em contextos culturais” (STREET, 2014, p. 77). Esta perspectiva desarticula a ideia monolítica e individual vislumbrada no modelo autônomo de letramento. E amplia o sentido de letramento para um plano social, plural da oralidade e escrita, reforçando a significação de práticas sociais letradas, em suas múltiplas facetas nos campos institucionais e socioculturais que acontecem. “As práticas de letramento variam com o contexto cultural, não há um letramento autônomo, monolítico, único, cujas consequências para os indivíduos e

sociedades possam ser inferidas como resultado de suas características intrínsecas” (STREET, 2014, p. 82).

Conforme anunciado anteriormente, esta pesquisa tem o objetivo de analisar práticas de letramento em uma turma de terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2021 durante a pandemia Covid-19, em uma escola do campo em Canguçu (RS)ⁱⁱ.

O texto encontra-se organizado da seguinte forma: Inicialmente discorre-se acerca dos aspectos metodológicos, bem como os processos de tratamento dos dados, apresenta-se os sujeitos partícipes desta pesquisa e uma breve descrição do lugar que vivem, e aspectos culturais. Após, na seção “Vivemos no campo, somos pomeranos, plantamos fumo”: práticas de letramento no contexto pandêmico (2021)”, expõe-se os principais resultados obtidos de pesquisa. Estes resultados se referem as estratégias adotadas pela professora participante da pesquisa para promover práticas de letramento com as crianças durante a pandemia-Covid-19.

Caminhos metodológicos

Com o agravamento da pandemia Covid-19 e pelo alto risco de contaminação, foi decretado no Brasil um tempo de distanciamento social. Diante disso, muitas dificuldades implicaram no processo de coleta dos dados, devido a impossibilidade de inserção no campo empírico de forma presencial.

Sendo assim, optou-se por realizar entrevistas com a professora participante da pesquisa no formato *online*, sendo essa, uma das estratégias utilizada para a produção de dados. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 65), entrevistas de abordagem qualitativa propiciam “a compreensão detalhada de crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos”. Estes aspectos são também identificados por Minayo (2015, p. 63) ao indicar que as entrevistas são uma oportunidade de compreender por meio da fala dos sujeitos as “condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor”.

A professora participante da pesquisa atua em uma escola municipal de Ensino Fundamental em Canguçu, desde o ano 2016. De acordo com a projeção contida no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), a população residente em Canguçu

é de 56.045 pessoas que habitam, principalmente, a zona rural, conforme estimativa apresentada pelo IBGE.

O contato com a professora participante da pesquisa ocorreu de modo informal, a partir de uma rede estabelecida com professoras pomeranas que atuam nas escolas do território via *WhatsApp*. A primeira entrevista realizada com a professora Graci (codinome escolhido por ela), ocorreu em setembro de 2021 e, para esta etapa, foi elaborado um roteiro de perguntas, com objetivo de conhecer sobre sua trajetória docente. Posteriormente a este encontro virtual, estabelecemos contato via *WhatsApp*, veículo utilizado para o envio de documentos como: planos de aula, fotografias, filmagens, produções dos alunos, Projeto Político Pedagógico da escola em que ela atua.

Após a leitura dos documentos enviados, foi realizada uma nova entrevista no mês de janeiro/2022, desta vez o roteiro orientador da entrevista foi organizado partindo de dúvidas quanto aos documentos, sobre o modo como a professora conduziu as aulas e, sobre os sentimentos que suscitaram durante o ensino remoto, tanto da professora como das crianças.

Além disso, realizou-se um encontro virtual com oito dos 22 alunos da professoraⁱⁱⁱ, por meio da plataforma do *Google Meet*, com a gravação autorizada pelos participantes. As entrevistas com a professora Graci totalizaram duas horas e 48 minutos, e a conversa com o grupo de crianças resultou em 57 minutos. A transcrição das duas entrevistas^{iv} realizadas com a professora somaram 39 páginas. As conversas por áudio foram transcritas e as demais copiadas e coladas em um documento do word, que constitui um documento final com 13 páginas. A transcrição da fala com as crianças^v somou 11 páginas e as conversas no grupo de *WhatsApp* criado posterior a reunião com elas, totalizou 9 páginas. A transcrição procurou manter traços orais dos interlocutores, e foi empregado legendas para algumas situações: (...) pausa, (R) risos, palavras em maiúsculo representam ênfase em determinados momentos.

O processo de organização das categorias de análise foi orientado pela Análise Textual Discursiva- ATD, a categorização foi construída a *posteriori*, ou seja, foi elaborada após a análise dos documentos, referencial teórico, e objetivos de pesquisa. Esta forma de organização das categorias, deu-se diante ao fato de que só foi possível estabelecer os eixos de análise por meio de um movimento cíclico de retomada da leitura, observação dos dados frente aos

objetivos propostos (MORAES, 2003). A sistematização dos dados ocorreu de forma intuitiva, como descrito em Moraes, Galiazzi (2007, p. 24), “Chegar a um conjunto de categorias por meio da intuição exige integrar-se num processo de auto-organização em que, a partir de um conjunto complexo de elementos de partida, emerge uma nova ordem”.

Desta forma os dados foram organizados, reorganizados, bem como os eixos de análise, de acordo com novas perspectivas que surgiram durante o período de produção e análise dos dados. Ao fim deste processo, foi possível delinear 3 eixos de análise que são: Letramento e Religião, Letramento e Ciências, Letramento e Geografia.

Conhecendo a professora/agricultora pomerana e seus alunos.

A professora Graci é descendente de imigrantes pomeranos, nasceu e vive até a atualidade em uma colônia formada por imigrantes pomeranos na zona rural do município de Canguçu (RS). Filha de agricultores (tabaco), auxiliava no trabalho da lavoura desde pequena. Aprendeu a falar o pomerano no convívio com a família do marido após o casamento. Sua avó materna, com quem residia, incentivava os estudos e a profissão de professora, em razão das adversidades que seus avós vivenciaram no processo escolar não ensinaram a Língua Pomerana para ela, pois temiam possíveis dificuldades no aprendizado da Língua Portuguesa.

Sua formação docente teve início no curso de Magistério no ano de 2001, posteriormente teve a oportunidade de concluir a graduação em Pedagogia no ano de 2007. A professora Graci, exerce a profissão há 22 anos, além disso, sempre trabalhou na lavoura, na pequena criação de animais, no cultivo de hortaliças e frutas para o consumo e cuidado com sua família, também participa ativamente da igreja Evangélica Luterana no Brasil (IELB).

A professora Graci é mulher pomerana, mãe, esposa, agricultora, religiosa, aspectos esses que constituem sua identidade, acionando suas memórias de forma dinâmica, “Nesse movimento, há constantes atos e sentimentos de pertença e não-pertença, estreitamente relacionados à subjetividade, à memória, a processos metacognitivos, aos saberes e experiências de pessoas singulares e do grupo” (PLACCO et al., 2006, p. 21). Diante disso, a identidade se constitui face a múltiplos fatores históricos sociais onde “concebemos “pontos temporários de pertencimento” (HALL, 2000, p. 19).

Nesta perspectiva, a docência é permeada por saberes da cultura, das memórias, das crenças, que definem o pertencimento e compõem o “ser professora”. É possível identificar

muitos aspectos em comuns entre professora e alunos como será possível perceber ao longo do texto.

Como foi mencionado anteriormente, o grupo é formado por 22 crianças, dentre elas, 18 são descendentes de imigrantes pomeranos. A família dessas crianças trabalha com fumicultura, as outras quatro crianças são, conforme palavras da professora “brasileiras”^{vi}, duas das crianças são filhos de professores e as outras duas famílias trabalham com o cultivo de soja. Em relação a religião, na totalidade professam a religião luterana.

A participação das crianças no processo potencializa a relevância do seu papel como protagonistas das suas histórias e, no meio social que vivem. Para Abramowicz e Oliveira (2010, p. 01), na perspectiva da sociologia da Infância, a criança “[...] é compreendida como sujeito social capaz de atribuir significados, sentidos, cultura própria e inusitada”. Desta forma, a pesquisa assume um novo olhar, que posiciona as crianças como atores sociais. Mesmo que os objetivos da pesquisa não tenham o foco voltado para as crianças, a participação delas amplia a percepção dos dados.

Nesse sentido, a realização da conversa coletiva com parte das crianças, realizada em janeiro de 2022, foi importante ao processo de estudos. A presença da professora Graci proporcionou alegria e descontração de um bate papo informal que iniciou com “*Alas gaut ?... ióóó! (R)*”^{vii}. Nessa ocasião, apresentou-se a proposta da pesquisa, o contexto que o estudo estava sendo realizado e as pessoas envolvidas no processo. Algumas crianças demonstraram surpresa pelo interesse sobre os pomeranos “Eu nem sabia que isso era importante” (Menino R, Conversa Coletiva, 29/01/2022). A professora Graci reforçou aspectos de valorização da cultura e salvaguarda da identidade pomerana.

Dentre as 18 crianças descendentes de imigrantes pomeranos, apenas 3 falam a Língua Pomerana e outras duas compreendem, este fato é um importante indicador que a Língua Pomerana tem sido drasticamente diminuída nas comunidades pomeranas constituídas em Canguçu (RS), mesmo que neste município, a língua seja cooficial. Os modos de inculcação do português como língua legítima, são resquícios da Campanha de Nacionalização, que foi responsável por reforçar condições de fortalecimento “de um mercado linguístico unificado e dominado pela língua oficial: obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, etc.)” (BOURDIEU, 1996, p. 32).

O ensino remoto no contexto da pandemia de Covid-19: práticas de letramento em uma comunidade pomerana

O trabalho destas famílias pomeranas se dá majoritariamente no cultivo de tabaco, e as crianças auxiliam nos processos desde pequenas, O menino A (Conversa Coletiva, 29/01/2022) contou que gosta de “ajudar a “Rapá^{viii}”, e colocar a lona”, a menina (M) “trabalha no fumo seco” (Conversa Coletiva, 29/01/2022), A menina (I) disse que é responsável pelo “trato dos animais e de minha irmã mais nova, enquanto a mãe tá na lavoura” (Conversa Coletiva, 29/01/2022). As famílias, de modo geral, além do trabalho na lavoura, criam animais para o consumo próprio, plantam hortaliças, cultivam pomares.

Perante o exposto, compreender a infância como constructo histórico-cultural, requer a observação do contexto que se dá “o ser criança” em dadas culturas, pois os modos de ser criança não são universais, como infâncias idealizadas por padrões estereotipados, “[...] estes movimentos tiveram por efeitos não apenas capturá-las institucionalmente, mas também demarcá-las epistemologicamente, definindo os limites do que podia ser dito, pensado, pesquisado sobre elas” (BUJES, 2006, p. 218).

As crianças e suas famílias se diferem umas das outras, pois se situam em contextos geográficos, étnicos, socioculturais, históricos, que conferem particularidades incapacitantes da rotulação de “infância ideal”. Para Bujes (2002, p. 24) “[...] os fenômenos associados à infância – suas representações, seus códigos, suas identidades – não são naturais, dados ou inevitáveis.”.

Nesse sentido torna-se relevante problematizar e conhecer as “outras infâncias” denominadas por Bujes (2006, p. 217), de acordo com o meio cultural específico, como é o caso da infância pomerana que é concebida em meio a muitos rituais religiosos e culturais, característicos deste grupo étnico. A seguir, apresenta-se parte dos resultados contemplados durante a pesquisa.

“Vivemos no campo, somos pomeranos, plantamos fumo”: práticas de letramento no contexto pandêmico (2021)

O título desta seção ressalta algumas características destacadas pelos alunos e pela professora Graci, ou seja, sobre quem são essas pessoas que fazem parte da pesquisa. Nesse sentido, o letramento pode assumir múltiplas facetas na interação das crianças entre si e, entre elas e a professora, por meio da oralidade, bem como a influência dos eventos e práticas de letramento vivenciadas nos ambientes informais em que as crianças participam, como a família e a igreja. Porém, diante da impossibilidade de realizar a pesquisa presencial no campo

empírico e do complexo processo de adaptação ao ensino remoto, especialmente no contexto desta pesquisa, por ser em uma escola da zona rural, optou-se por olhar para as práticas de letramento que envolveram as produções de texto e, quando possível a aspectos da oralidade.

Ante ao exposto, é possível destacar que o termo letramento é complexo e abrange muitos conceitos, porém os Novos Estudos sobre Letramento (STREET, 2014) possibilitam um enriquecimento para a prática docente, pois consideram as vivências das crianças nos diversos meios sociais em que experimentam práticas e eventos de letramento.

O processo educacional no ano de 2021 foi, segundo as palavras da Professora Graci, um ano mais fácil de trabalhar. A “facilidade” que a professora menciona no ano de 2021, é resultado de uma comparação tecida com o ano 2020, em que as crianças não tinham acesso à internet, e apenas duas tinham computador em casa. A professora, não tinha familiaridade com as ferramentas digitais e não participou de formação para tal demanda. Assim, a experiência com os “erros” conduziu as aprendizagens dela e das crianças. Houve uma melhora na interação e na mediação ante a possibilidade de aulas no *Google Meet* e *WhatsApp*. Contudo, as dificuldades não haviam sido superadas por completo, pois a instabilidade na internet (via rádio) permanecia, assim como a dificuldade em realizar as tarefas em casa, e precariedade dos aparelhos utilizados pelas crianças, que na maioria assistia as aulas com celular emprestado, já apresentavam comprometimento técnico de bateria, tela quebrada, não tinham capacidade de armazenamento, entre outros.

Uma das atividades realizadas pela professora, foi inspirada em um projeto com o livro “A maior flor do mundo” do autor José Saramago, que conduziu parte do planejamento da professora neste ano. A escolha do livro foi realizada com a justificativa de que a obra tem uma conexão com o contexto rural que eles vivem, pois o autor trata de um tema que as crianças estão rodeadas.

A partir dos dados criou-se o eixo Letramento e Ciências, o qual foi significativo no decorrer do projeto, principalmente pelo fato que as crianças vivenciam cotidianamente aspectos relevantes ao ensino de ciências como o modo que se relacionam com a natureza. Este fato foi contemplado no decorrer do projeto, com o destaque para a importância das plantas na vida das crianças e sobre as variedades que são cultivadas pelas famílias. A professora incentivou que explorassem e fotografassem em suas propriedades paisagens

O ensino remoto no contexto da pandemia de Covid-19: práticas de letramento em uma comunidade pomerana

que consideram especiais, as crianças denominaram de “refúgio ambiental”. As fotos foram enviadas pelo *WhatsApp* no grupo da turma, e apresentadas no encontro virtual, onde elas contaram o porquê de suas escolhas, quais sejam: a palmeira de butiá, com orquídeas floridas, as hortênsias na beira da estrada e o balanço pendurado entre as árvores foram alguns dos lugares de natureza escolhida por estas crianças. As fotografias feitas pelas crianças, potencializaram a integração entre elas nesse momento pandêmico visto que de “[...] as crianças gostavam muito de falar sobre o que vivenciavam no cotidiano do lar, nesses momentos a comunicação, as práticas orais que haviam sido afetadas em 2020 aos poucos estavam sendo retomadas” (Graci, Entrevista I, 22/09/2021).

O recurso de exploração das imagens no contexto educacional demandou um olhar investigativo da professora que, para além das técnicas, buscou captar a intencionalidade das crianças que realizaram e escolheram tais registros para o compartilhamento, exercitando a escuta das narrativas realizadas pelos interlocutores.

Os registros orais e escritos, bem como a descrição realizada pela professora sobre esta atividade, indicam as percepções das crianças sobre devidas características de um “Refúgio Ambiental”. Diante disso, refletiu-se sobre a apropriação deste lugar, os significados das escolhas, as crianças se colocaram nas fotografias por se considerarem integrantes ao lugar, ou pelo mero fato de entenderem um lugar com natureza tal refúgio. É possível ponderar que existe um sentimento de pertença aos espaços que foram fotografados, pois, de acordo com a professora não foi solicitado que as crianças fossem incluídas nos registros.

De acordo com Schwenger (2011, p. 265) a imagem é compreendida, “como produto e produtora do cotidiano contemporâneo, presente no contexto comunicativo e pós-moderno, por isso considero como um importante corpus de pesquisa no campo educacional”. Estas possibilidades indicam os modos como as crianças se relacionam no lugar onde vivem, sobre suas experiências, aprendizados, enfatizando que as crianças são partícipes ativos no modo em que vivem suas infâncias e como as constroem socialmente.

Diante das dificuldades de socialização ocasionadas pela pandemia da Covid-19, Graci relatou que o compartilhamento de fotos no grupo de *WhatsApp*, foram relevantes para o fortalecimento da cumplicidade e amizade entre as crianças e com a professora

Além da potencialidade de socialização por meio do compartilhamento das fotografias, há um aspecto ressaltado pela professora que foi o desenvolvimento da

oralidade. Este espaço para o diálogo com as crianças sobre o cotidiano que vivenciam, potencializa uma voz que muitas vezes é silenciada diante de práticas produtivistas. Para Macedo (2002, p. 99) a “língua dos alunos é o único meio pelo qual podem desenvolver sua própria voz, pré-requisito para o desenvolvimento de um sentimento positivo do próprio valor”. Esta concepção fomenta o pertencimento, autonomia das crianças nos eventos de letramento que ocorrem por meio das interações, que neste caso aconteceu por meio das fotografias.

A produção textual foi um dos aspectos mais difíceis a serem explorados no ensino remoto para a professora, devido à falta de continuidade dos processos que envolvem essa prática, tal como a organização de ideias em um contexto de início, meio e fim. Conforme seu relato: “[...] em sala de aula o trabalho de produção textual do professor com as crianças é um processo de conversa e organização das ideias, agora em época de pandemia foi tudo um caos” (Graci, Entrevista II, 22/01/2021).

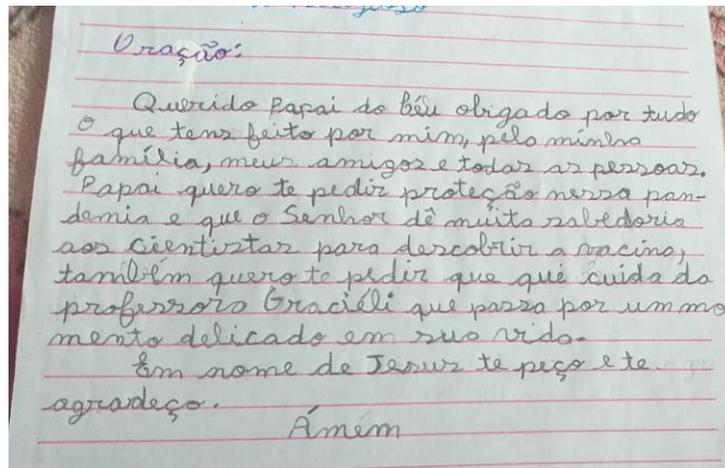
Para tanto, a professora foi adaptando o projeto inspirado na “Maior Flor do Mundo”, de acordo com os interesses e demandas da turma, buscando articular com o contexto sociocultural em que estão situados. Segundo Kleiman (2008), pautar a prática escolar apenas na perspectiva das “aptidões” demandadas pelo currículo escolar, negligência as causalidades que perpassam a vida cotidiana, como no caso os traumas, e descontinuidades dos processos causados pelo ensino remoto em função da pandemia do Covid-19, que dificultou as aprendizagens e vivências escolares das crianças.

As questões religiosas são uma característica marcante na comunidade em que a escola está inserida, segundo Graci (Entrevista I, 22/01/2021.), “bem próximo da escola, em uma circunferência de aproximadamente 1 quilômetro, tem 3 comunidades religiosas: uma Luterana no Brasil (IECLB), outra Independente e ainda uma Luterana do Brasil (IELB)”. Este fato foi evidenciado durante a conversa com as crianças (2022), em alguns casos o primeiro contato que elas têm com as letras e números é na igreja, seja na escola dominical^{ix} onde cantam músicas cristãs infantis, ouvem histórias bíblicas, e nos cultos onde tem a oportunidade de folhar o hinário luterano, “a primeira lembrança que eu tenho com números foi com hinário da igreja, - o pai e a mãe prestando atenção no culto e eu ali folhando o hinário e olhando os números, acho que aprendi a contar daquilo ali, folhar o hinário!” (Menino J, Conversa Coletiva, 29/01/2022).

O ensino remoto no contexto da pandemia de Covid-19: práticas de letramento em uma comunidade pomerana

Estas vivências religiosas também justificam a escolha de uma das crianças para o desenvolvimento de uma atividade de produção textual, cujo gênero e temática não foram pré-determinadas, a oração foi a alternativa escolhida como observamos a seguir:

Figura: 1 Oração escrita



Fonte: Organização das autoras (2022).

A oração escrita pela menina representa uma prática de outro eixo que se denominou de **Letramento e Religião**. Essa análise é inspirada em Street (2012, p.77) e se relaciona com “uma concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e escrita e de realizá-las em contextos culturais”.

Segundo a professora os eventos e práticas de letramento vivenciados pelas crianças na igreja, são contínuos também no lar das famílias pomeranas, por meio das orações, leitura da bíblia, devoções diárias, canto de louvores, admoestações de moral e conduta de acordo com preceitos da religião protestante.

Estes eventos de letramento, são evidenciados na opção da criança por uma escrita de oração e se aproximam de prática de letramento que como em Street (2021), discorre de uma tentativa de compreender e fazer uso do evento de letramento, associando a uma prática mais ampla com significação social e cultural. Para Soares (2003, p. 105) as práticas de letramento são “[...] comportamentos exercidos pelos participantes em um evento de letramento onde as concepções sociais que o configuram e determinam sua interpretação e dão sentido aos usos da leitura e/ou escrita naquela situação particular”.

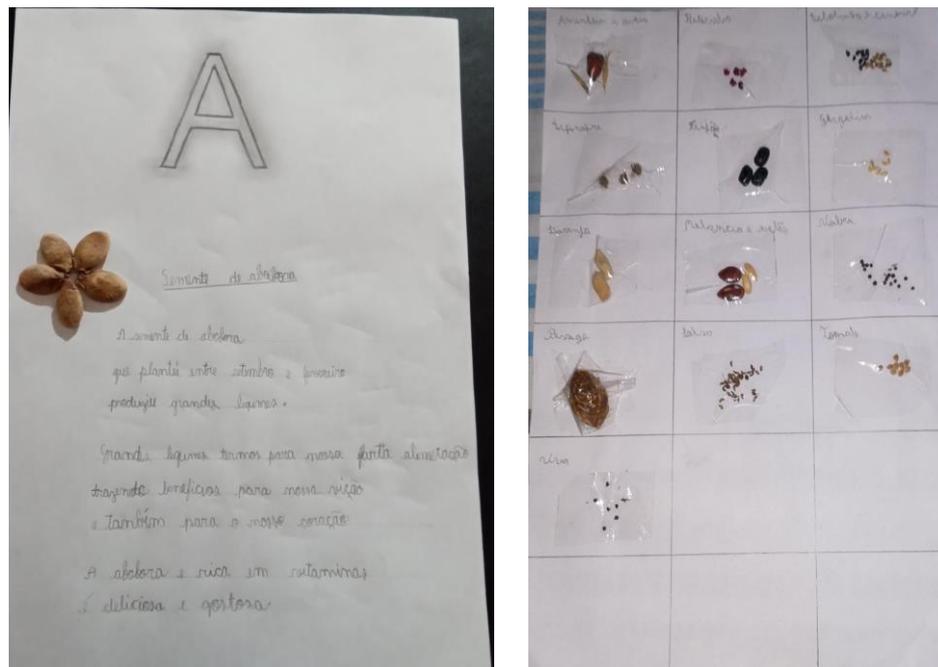
Durante a entrevista com a professora, foi possível perceber que trabalhar aspectos da religião é “natural” naquele espaço. Conforme relata a professora “Trabalhamos sobre a páscoa, as crianças construíram uma *Osterbaum*^x em casa e compartilharam a foto com a turma” (Graci, Entrevista II, 22/01/2022). Ainda sobre **Letramento e Religião** destaca-se duas falas da professora que apontam a naturalidade com que os aspectos da fé cristã são incorporados nas aulas “Nós orávamos para que a pandemia acabasse” [...] “foi muito lindo a construção do cenário nascimento de Jesus no fim do ano” (Graci, Entrevista II, 22/01/2022)^{xi}.

Além da religiosidade, outro aspecto da cultura pomerana em Canguçu (RS) são as sementes crioulas, que são sementes passadas de geração para geração, estabelecendo o status para este, e demais povos que preservam este costume o título de guardiões das sementes, “Os guardiões e guardiãs de sementes crioulas são agricultores que as resgatam, plantam, selecionam e conservam ao longo do tempo em suas propriedades, garantindo a preservação da agrobiodiversidade” (BERNARDO, et al. 2020)

Especialmente no contexto desta pesquisa, foi criada a “A União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (UNAIIC)” que é fundamentada por uma perspectiva agroecológica, que defende os direitos dos agricultores familiares, e a sustentabilidade de trabalho dos agricultores familiares. A proteção e incentivo para produção de sementes crioulas é um dos interesses da UNAIIC.

Diante disso, é costume entre as famílias pomeranas conversar ao fim do dia sobre seus afazeres, enquanto tomam um chimarrão^{xii}, por exemplo, sobre as fases da lua para o plantio de sementes, onde estudam, tecem apontamentos sobre as fases de germinação, experimentando diferentes níveis de desenvolvimento em cada uma das etapas, analisam as especificidades de cada planta. De acordo com a professora Graci, as anotações realizadas pelas famílias são condutoras dos plantios vindouros. Sobre esta temática as crianças demonstraram muita curiosidade e então surgiu a ideia da construção de um dicionário de sementes crioulas. As crianças construíram o dicionário de sementes que cultivavam na propriedade juntamente com a família como no exemplo a seguir:

Figura 2: Dicionário de sementes.



Fonte: Organizado pelas autoras (2022).

Ao desenvolver o dicionário das sementes com as crianças, a professora promoveu entrecruzamento dos saberes tradicionais potencializando o eixo **Letramento e Ciências**, que articulou as experiências dos alunos no espaço cotidiano (lar) mobilizando as famílias das crianças no processo de construção do texto acerca da semente. Como no caso da abóbora, onde foi feita a construção da narrativa dos benefícios que o legume proporciona e os meses que se realizou o plantio por meio dos saberes da família e da comunidade de pomeranos que trabalham com agricultura familiar, sendo este, um costume entre eles, trocar informações sobre sementes e cultivo. Desta forma, a escrita é resultante de uma prática social, que agrega significação ao processo, expandindo a consciência e reflexão a respeito da funcionalidade da língua escrita, conforme destaca Kleiman (2008, p. 512) “um dos aspectos necessários do processo envolve, então, a ação de um docente que busca desenvolver, cotidianamente, estratégias que lhe permitam a necessária autonomia para transitar de uma prática a outra”.

Em continuidade, o tem-se o eixo **Letramento Geográfico** o qual foi identificado no trabalho de cartografia com as crianças. Um aspecto relevante da cultura pomerana é a forma com que organizam a propriedade familiar “Se na Pomerânia as casas eram organizadas em torno de uma devesa, no RS, a casa e as benfeitorias passaram a conformar estes pátios de serviços ou para cuidado dos animais” (BOSENBECKER, 2012, p. 164).

Ante ao exposto, a professora Graci elaborou um trabalho de cartografia com as crianças. Destaca-se que trabalho cartográfico potencializa a leitura geográfica do mundo em que vive pois “[...] quando se lê a palavra, lendo o mundo, está-se lendo o espaço, é possível produzir o próprio pensamento, fazendo a representação do espaço em que vive” (CALLAI, 2005, p. 233). Esta prática demandou que as crianças acionassem e estruturassem redes de saberes, para que a escolha das informações. A prática da cartografia potencializa o letramento geográfico pois requer a estruturação de redes de saberes “por exemplo, quando tem de reconhecer a localização do lugar, os símbolos utilizados e a distância entre os lugares, conseguindo identificar as paisagens e fenômenos cartografados e atribuindo sentido ao que está escrito” (CASTELLAR, 2011, p. 123).

As crianças representaram a propriedade em que vivem e seu entorno por meio de desenhos, e em um dos encontros pelo Meet, socializaram o modo que elaboraram o mapa e seu significado para a professora e colegas. O desenho a seguir representa a cartografia de uma das alunas, em que apresentou a forma com que sua família estruturou sua propriedade seguindo a orientação solar, indicando os pontos cardeais. As estratégias para a posição solar narrada pela menina, conforme relato da professora, correspondem as posições ideais para o cultivo e construção da casa.

Figura 3: Cartografia da propriedade de uma das crianças.



Fonte: Organização das autoras (2022).

Apesar de existirem poucas referências de pesquisa sobre **Letramento Geográfico** no Brasil (CASTELLAR, 2017), a exploração do lugar em que as crianças vivem amplia a

“possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo” (CALLAI, 2005, p. 228).

Cabe ressaltar que a intenção da professora no desenvolvimento desta atividade não está alicerçada no mero ensino geográfico para as crianças e sim tem o objetivo de ensinar e aprender sobre ferramentas que possibilitam a apropriação, percepção do espaço histórico/geográfico que vivem, “para que as crianças, individualmente ou entre seus pares, assumam o protagonismo de sua história, deixem traços, representem suas geografias, percebam e vejam, pelos mapas produzidos, que suas vivências são valorizadas e significativas” (LOPES, 2018, p. 253-254). Isso demonstra de certa forma, o modo como a professora concebe as crianças, bem como sua prática pedagógica.

Considerações finais

As discussões apresentadas neste artigo tratam sobre as práticas de letramento, realizadas em uma turma de terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no ano de 2021 durante a pandemia Covid-19, em uma escola do campo em Canguçu (RS), em que há um número significativo de alunos descendentes de pomeranos.

Ao acompanhar as práticas de letramento propostas pela professora, identificou-se os seguintes eixos: Letramento e religioso, Letramento e ciências e Letramento e Geografia, os quais estiveram imbuídos dos aspectos culturais de pertencimento das crianças ao contexto local.

Por meio do eixo Letramento e Religião observou-se que igreja luterana tem um papel significativo para a professora e o grupo de crianças. A análise dos dados evidenciou que as práticas religiosas proporcionam às crianças experiências letradas por meio da interação entre os sujeitos, do texto escrito e da oralidade, presentes na igreja (ritos, hinos, pregação do pastor, escolinha dominical, orações), no convívio do lar (admoestações bíblicas, leitura de devocionais e da bíblia, leituras de histórias bíblicas infantis, orações) e na escola.

Os eixos Letramento e Geografia e Letramento e Ciências evidenciaram o envolvimento da família nas práticas de letramento, com a transmissão dos saberes tradicionais mobilizados por meio de práticas orais, recorrendo as memórias transgeracionais, observados durante a construção do dicionário de sementes crioulas e das cartografias. Observou-se que esse trabalho demandou das crianças agrupamento,

sistematização, hierarquização de informações, para estabelecer as relações significativas para a elaboração dos trabalhos propostos e mediados pela professora.

Desse modo, percebeu-se que as práticas de letramento valorizaram os modos de vida das crianças promovendo de certa forma a sobrevivência da cultura pomerana em um contexto rural. Além disso, o planejamento da professora promoveu autonomia das crianças na realização das atividades, distanciando-se de currículos engessados e descontextualizados, caracterizados pelo letramento autônomo (STREET, 2014).

Por fim, salienta-se que os resultados da pesquisa, apresentados neste artigo, contribuem para fomentar a discussão sobre práticas de letramento em comunidades oriundas de grupos minoritários, neste caso específico, formada por descendentes de pomeranos que vivem em um contexto rural.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. A sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. II **Grupecí**. Rio de Janeiro (Mimeo.), 2010.

ARRIADA, Eduardo. Pelotas - **Gênese e Desenvolvimento Urbano** (1780 - 1835). Pelotas: Armazém, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOSENBECKER, Vanessa Patzlaff. **Influência cultural pomerana: permanências e adaptações na arquitetura produzida pelos fundadores da Comunidade Palmeira, Cerrito Alegre, terceiro distrito de Pelotas (RS)**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, 516p.

BERNARDO, Marina Augusta Tauil et al. GUARDIÕES DAS SEMENTES DA VIDA NO VALE DO RIO PARDO-RS: Errata. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 3, 2020.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. p. 11-33.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e poder: breves sugestões para uma agenda de pesquisa. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 179-196.

O ensino remoto no contexto da pandemia de Covid-19: práticas de letramento em uma comunidade pomerana

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 227-247, 2005.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 207-232, 2017.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; CONSTANTINO, Patricia (Ed.). **Deserdados sociais: condições de vida e saúde dos presos do estado do Rio de Janeiro**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2015.

DO CARMO GALIAZZI, Maria; DE SOUSA, Robson Simplicio. O que é isso que se mostra: o fenômeno na análise textual discursiva?. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 15, n. 4, p. 1167-1184, 2020.

HALL, Stuart. Who needs Identity? In: Gay, P. D.; Evans J. et alli. (Ed.) **Identity: a reader**. Londres: Sage/Open University Press, 2000. p. 15-30.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. São Paulo. Contexto, 2008.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010.

LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo; AMORIM, Cassiano Caon. Mapas Vivenciais: possibilidades para a cartografia escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, n. 11, p. 237-256, 2016.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Contribuições Teórico-Metodológicas para a Pesquisa sobre Letramento na Escola. **Educação & Realidade**, v. 45, 2020.

MORAES, Roque. Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como um processo de aprender, comunicar e interferir em discursos, 2001. **Apostila da Disciplina Análise Qualitativa de Informações Discursivas**. Mestrado em Educação Ambiental, FURG, Rio Grande, 2003.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. (Orgs.). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006.

SCHWENGBER, Maria Simone. O uso das imagens como recurso metodológico. In: **Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SOARES, Magda. Letramento. **Diário do grande ABC**, v. 29, p. 3, 2003.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240p

TRESSMANN, Ismael. **Da Sala de Estar à Sala de Baile: Estudo Etnolinguístico de Comunidades Camponesas Pomeranas do Estado do Espírito Santo**. 2005, 335f. Tese (Doutorado em Linguística,) Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro. <http://www.ppglinguistica.lettras.ufrj.br/index.php/pt/teses-e-dissertacoes-n/teses/teses-2005> Acesso em: 20/03/2022.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A educação pomerana inserida no Sínodo de Missouri em Pelotas e São Lourenço: identidade e cultura escolar'** 01/05/2007 256 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pelotas, Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus das Ciências Sociais.

Notas

ⁱNa atual configuração geográfica política, a região das colônias na Serra dos Tapes está distribuída, além de Canguçu, entre os municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Capão do Leão e Morro Redondo. O Território Serra dos Tapes foi habitada apenas por povos indígenas até o início do século XVIII, quando a região apresentava uma vasta área coberta de matas, e a economia era estruturada por meio da caça e pesca (ARRIADA, 1994).

ⁱⁱ Esta pesquisa está vinculada ao projeto “ALFABETIZAÇÃO EM REDE: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19” que tem como um dos objetivos compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia da Covid-19.

ⁱⁱⁱ Todos os alunos foram convidados a participar da conversa, porém apenas parte das crianças conseguiu ingressar na chamada por motivos variados como instabilidade no servidor de internet, trabalho com os pais, doença.

^{iv} Após a transcrição das entrevistas, o documento foi enviado para aprovação da professora Graci, que consentiu na utilização dos dados que foram gerados.

^v Sempre que citadas no texto, utilizaremos a inicial do nome.

^{vi} “há um tempo atrás não podia brasileiros, pessoas de origem brasileira na igreja, só os pomeranos, não podia ter sobrenome como a gente diz “tuca” sobrenome brasileiro como a gente diz é Tuca” (Graci, Entrevista II, 22/01/2021)

^{vii} Quer dizer: Tudo bem? Simmmm.

^{viii} Colher o resto de fumo do pé.

^{ix} Escola Dominical se refere aos encontros de estudo da bíblia na igreja, planejado especificamente para crianças.

^xÁrvore de Páscoa feita com galho seco, neles são pendurados cascas de ovos pintados .

^{xi} É pertinente destacar que mesmo que estas práticas se configurem como aspectos do letramento, pois as crianças são luteranas e vivenciem a religião, a escola pública é laica, e a abordagem de aspectos religiosos como práticas pedagógicas diverge do princípio de laicidade instituídas pelo Estado.

^{xii} O Chimarrão é uma bebida, feita com erva-mate, a bomba utensílio doméstico é um dispositivo usado para beber o mate ou chimarrão, bebida quente típica muito apreciada na América do Sul, principalmente na Argentina, Uruguai, Paraguai e sul do Brasil e ainda o tereré, variação da bebida preparada com água fria ou gelada.

Sobre as autoras

Myrna Susan Gowert Madia Berwaldt

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE da UFEPel. Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Rio Grande e Graduação em Pedagogia pela mesma Universidade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1165-810X>
Email: myberwaldt@gmail.com

Gabriela Medeiros Nogueira

Possui Doutorado em Educação pela UFEPel. Mestre em educação pela FURG. Professora Associada no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6985-064X> Email: gabynogueira@me.com

Patrícia Weiduschadt

Possui doutorado em Educação, ênfase em História da Educação pela UNISINOS e mestrado em Educação pela UFEPel . Atualmente atua profissionalmente como Professora Efetiva da Universidade Federal de Pelotas, lotada no Departamento de Fundamentos da Educação- Faculdade da Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6804-7591>
Email: prweidus@gmail.com

Recebido em: 05/04/2023

Aceito para publicação em: 11/11/2023